

Ode ao Vinho

Helena Isabel Duarte Dias Ribeiro

No topo da lista de compras, sempre uma garrafa de vinho tinto.

Há de ser maduro. Como é maduro o amor que o embala nas mãos, em noites quentes de outono.

Há de ser encorpado. De corpo sentido, sabido e entregue com a urgência da alma feita desejo e prazer.

Há de ser frutado, com travo a madeira e a calor. Para que ao abri-lo, se solte o aroma da sua história e preencha a nossa, aquela que nos envolve, nos protege e faz da palavra NÓS um lugar intocável, sem passado nem futuro, sorvida num AGORA que é eterno.

Há de ser denso. Deixar no copo uma marca igual à que a vida deixa no corpo, com o bom e o mau, as fraquezas e as forças. Igual à que as tuas mãos me desenham na pele: serena, completa, inteira e indelével.

Há de ser bebido, sorvido, lambido, cheirado e misturado no sangue, olhos nos olhos, sem medos.

Há de ser imperfeito. Porque o perfeito não faz sentido nem embriaga os sentidos e retira à vida a sua grandeza.